PROCESSO SELETIVO – 04/2026

Área de Conhecimento: Teoria Macroeconômica

PROVA ESCRITA – PADRÃO DE RESPOSTA

QUESTÃO 1: Dentro do arcabouço proposto pelo modelo IS-LM-BP, a curva BP (Balanço de Pagamentos) representa as combinações de renda (*Y*) e taxa de juros (*r*) que garantem o equilíbrio no balanço de pagamentos. Nesse contexto, pede-se:

a. (1,25) Considere um país com ausência de mobilidade de capitais. Represente graficamente a curva BP e indique quais regiões do gráfico correspondem a déficit e superávit no balanço de pagamentos. Explique economicamente por que isso ocorre.

b. (1,25) Considere um país com mobilidade perfeita de capitais. Represente graficamente a curva BP e indique quais regiões do gráfico correspondem a déficit e superávit no balanço de pagamentos. Explique economicamente por que isso ocorre.

a. Referência - Página 256 e 256: LOPES, Luiz Martins; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

Podemos considerar, em primeiro lugar, um país que não tenha acesso ao mercado internacional de capitais, isto é, uma situação em que não exista movimento de capitais. Em uma situação como esta, a condição de equilíbrio do Balanço de Pagamentos reduz-se a um saldo zero em Transações Correntes, ou seja, quando as exportações e importações se igualam. Como estamos considerando a taxa de câmbio e o nível de renda externa como dados, temos que o volume de exportações passa a ser uma variável exógena. As importações, por outro lado, são uma função crescente do nível de renda interna. Assim, teremos:

$$X = X_0$$
$$M = mY$$
$$TC = X_0 - mY$$
$$TC = 0 \Rightarrow X_0 = mY$$
$$Y_{BP=0} = X_0/m$$

Percebemos que, nessa situação, haverá um único nível de renda que equilibra a conta corrente e, portanto, o Balanço de Pagamentos, independentemente da taxa de juros, como pode ser visto pelo gráfico da Figura 6.7.

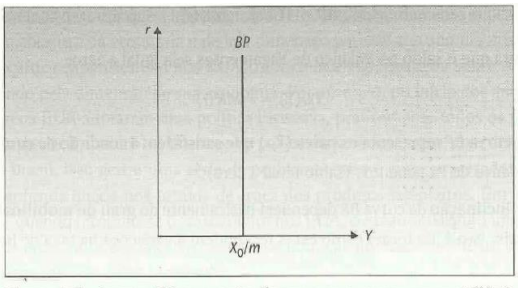


Figura 6.7 *A curva* BP: *economia aberta no curto prazo sem mobilidade de capital.*

Notemos que para níveis mais elevados de renda, as importações crescerão sem serem acompanhadas por um aumento das exportações, o que resultará no aparecimento de déficits em transações correntes. Para níveis inferiores de renda, as importações serão menores que as exportações, resultando em um superávit. Assim, pontos à direita da curva BP

Pág. 01 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

significam a existência de déficits e pontos à esquerda representam superávits, como pode ser visto pelos gráficos da Figura 6.8.

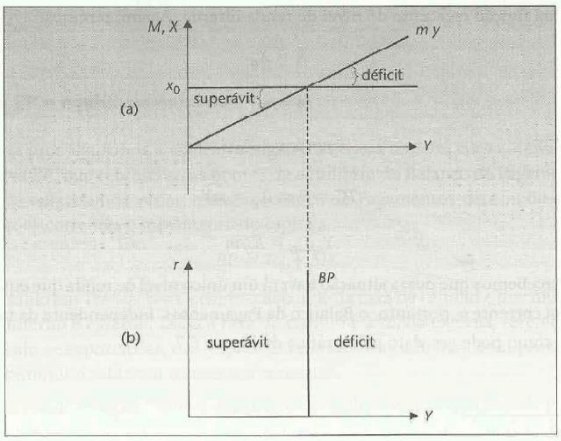


Figura 6.8 *Equilíbrio externo no curto prazo sem mobilidade de capital: a) saldo do Balanço de Pagamentos e nível de renda e (b) equilíbrio externo e a curva* BP.

b. Referência - Página 259: LOPES, Luiz Martins; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

Outra possibilidade para traçarmos a curva BP é a situação de uma economia de pequeno porte discutida anteriormente, ou seja, uma situação de livre acesso do país ao mercado internacional de capitais, à taxa de juros prevalecente neste mercado. Em uma situação como esta, qualquer déficit em transações correntes pode ser financiado à taxa de juros vigente no mercado internacional, e qualquer superávit pode ser aplicado no exterior à essa mesma taxa de juros. Ou seja, em tal situação, o saldo em Transações Correntes é irrelevante para se determinar o equilíbrio de BP, uma vez que sempre haverá um movimento de capitais compensatórios a uma taxa de juros estipulada pelo mercado internacional.

Nessa situação de livre mobilidade de capital, a variável relevante para determinar o equilíbrio de BP passa a ser a taxa de juros e não mais o nível de renda, uma vez que o saldo na balança de pagamentos passa a ser infinitamente elástico com relação à taxa de juros. Uma taxa de juros ligeiramente superior à taxa internacional induzirá uma entrada massiva de capitais (um grande superávit no Balanço de Pagamentos), que forçará a igualdade entre as taxas; uma taxa ligeiramente inferior, levará por outro lado a uma saída massiva de capitais, isto é, a profundos déficits no Balanço de Pagamentos. Ou seja, haverá um único nível de taxa de juros interna compatível com o equilíbrio externo:

$$r = r^*$$

Essa igualdade passa a expressar a curva BP, como pode ser visto no gráfico da Figura 6.11.

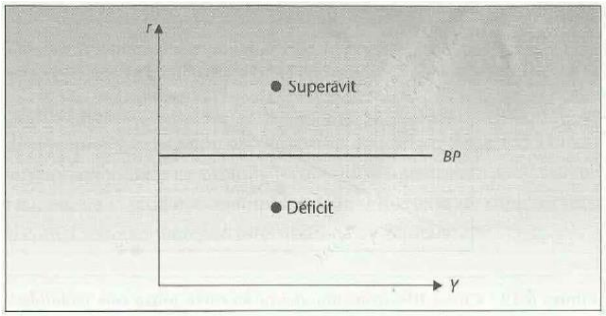


Figura 6.11 *Curva* BP *economia aberta no curto prazo com livre mobilidade de capital.*

Pontos acima da BP significam superávit e pontos abaixo déficit. Percebemos que o nível de renda deixa de ser uma variável relevante para determinar o saldo externo.

Pág. 02 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

PROCESSO SELETIVO – 04/2026

Área de Conhecimento: Teoria Macroeconômica

PROVA ESCRITA – PADRÃO DE RESPOSTA

QUESTÃO 2: Responda aos itens abaixo considerando o arcabouço proposto pelo modelo IS-LM-BP.

a. (1,25) Suponha inicialmente o regime de câmbio fixo e uma economia sem mobilidade de capitais. Partindo de uma situação inicial de equilíbrio pleno, o que acontecerá se o Banco Central expandir a oferta de moeda. Discuta os resultados e apresente-os graficamente.

b. (1,25) Considere o caso de taxa de câmbio flutuante e perfeita mobilidade de capitais. Novamente, partindo-se de uma situação de equilíbrio pleno, discuta os efeitos de uma política monetária expansionista e apresente-os graficamente.

a. Referência - Página 262 e 263: LOPES, Luiz Martins; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

O aumento da oferta de moeda levará inicialmente a um deslocamento da curva LM para a direita. Com isso, o equilíbrio interno passará do ponto 1 para o ponto 2, onde a nova LM intercepta a IS. Neste ponto teremos uma taxa de juros inferior à inicial, com o que se amplia o investimento e o nível de renda. Com o aumento da renda, as importações se ampliam, levando ao aparecimento de déficits no Balanço de Pagamentos. Como estamos considerando um regime de câmbio fixo, o Banco Central terá que atender esta maior demanda por moeda estrangeira, vendendo-a aos agentes, o que provocará uma redução no nível de reservas internacionais e a uma redução na oferta de moeda (a LM se desloca para a esquerda).

Esse processo de contração monetária persistirá até que o déficit de BP seja eliminado, o que só ocorrerá quando o nível de renda voltar ao inicial. Isso ocorrerá por que a taxa de juros começa a se elevar, conforme a oferta de moeda se contrai, fazendo com que o investimento vá retornando ao nível inicial. Percebemos que o equilíbrio final será exatamente o mesmo que o inicial, uma vez que a LM volta à posição original (ponto 1). A única alteração que se verificará é no Balanço das Autoridades Monetárias, em que constará uma quantidade maior de crédito doméstico (fonte inicial da expansão monetária) e uma quantidade menor de reservas internacionais. O gráfico da Figura 6.14 mostra o efeito da política monetária nesta situação.

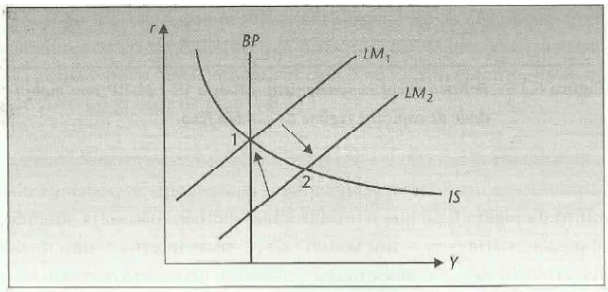


Figura 6.14 *Política monetária expansionista. Modelo* IS-LM-BP *sem mobilidade de capital e regime de câmbio fixo.*

b. Referência - Página 271: LOPES, Luiz Martins; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 512 p.

Uma expansão monetária nesse modelo terá os seguintes impactos: inicialmente, a LM se desloca para a direita, gerando pressões no sentido de redução da taxa de juros, o que provocará um aumento na demanda de moeda estrangeira para remeter capital ao exterior. Essa maior procura por moeda estrangeira provocará a desvalorização da moeda nacional ampliando as exportações e deslocando a IS para a direita. A taxa de câmbio se desvalorizará até que a IS intercepte a LM ao nível da taxa de juros internacional, quando cessa a pressão pela desvalorização. Nesse caso, a política monetária

Pág. 03 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

é plenamente eficaz, pois ao induzir a desvalorização da moeda nacional, melhora o saldo em Transações Correntes, ampliando a demanda por produto doméstico e, portanto, ampliando a renda. Esse caso pode ser visto no gráfico da Figura 6.24.

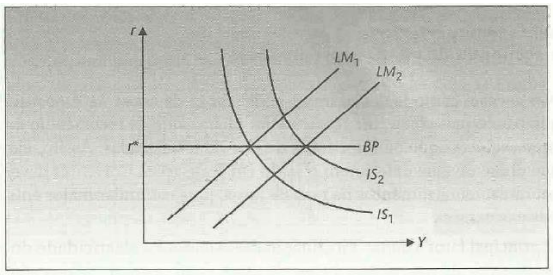


Figura 6.24 *Política monetária expansionista. Modelo IS-LM-BP com livre mobilidade de capital e regime de câmbio flutuante.*

PROCESSO SELETIVO – 04/2026

Área de Conhecimento: Teoria Macroeconômica

PROVA ESCRITA – PADRÃO DE RESPOSTA

QUESTÃO 3: Considerando os debates relacionados à política econômica, responda aos itens abaixo.

a. (1,25) As três principais dificuldades da política de estabilização são: (i) a política econômica funciona com defasagens; (ii) os resultados das políticas dependem das expectativas do setor privado que são difíceis de prever e podem reagir a elas; (iii) há incerteza quanto à estrutura da economia e dos choques que a atingem. Especificamente sobre as defasagens, os economistas estabelecem uma distinção entre dois tipos que são importantes na condução das políticas de estabilização: defasagem interna e externa. Explique o que são as defasagens internas e externas de políticas econômicas de estabilização.

b. (1,25) Apresente as principais distinções entre as políticas monetária e fiscal em termos de defasagens, explicando as razões dessas diferenças.

a. Referência - Página 231: LOPES, Luiz Martins; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

• **Defasagem interna:** corresponde ao intervalo de tempo que transcorre entre a ocorrência do choque econômico e a ação política por parte do governo. Esta defasagem decorre do tempo que se gasta com o reconhecimento do choque e com a implementação da política adequada. Um ponto relevante na questão do reconhecimento é saber se a perturbação econômica é temporária ou permanente. Por temporária entende-se um desvio de rota que logo tende a ser corrigido pelos rumos normais dos negócios. Nesse caso, a melhor alternativa pode ser não fazer nada em relação ao choque. Caso identifique-se que o choque seja permanente, a alternativa da intervenção pública pode ser mais adequada. Entretanto, uma vez reconhecido que o choque seja permanente, tem-se um segundo problema: identifica-se o choque, estuda-se a melhor forma de corrigi-lo para depois implementá-lo. Tanto a análise da melhor política quanto sua implementação demandam tempo.

• **Defasagem externa:** esta defasagem refere-se ao intervalo de tempo entre a implementação da política e sua repercussão sobre a economia, ou seja, até que comece a surtir efeito sobre o desempenho econômico.

Pág. 04 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

b.
(i) Referência - Página 231: LOPES, Luiz Martins; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. Manual de macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
ou
(ii) Referência – Página 415: DORNBUSCH, Rudiger; FISCHER, Stanley; STARTZ, Richard. Macroeconomia. 11.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

(i) Em geral, os instrumentos de política fiscal possuem uma defasagem interna maior, pois necessitam ser aprovados pelo Congresso, enquanto os instrumentos de política monetária possuem uma defasagem externa maior. Enquanto os instrumentos de política fiscal atuam diretamente sobre a demanda, a política monetária atua indiretamente, demorando para que, uma vez implementada a política monetária, esta atinja seu objetivo.

(ii) A política fiscal e, certamente, as mudanças nos gastos governamentais — que atuam diretamente sobre a demanda agregada — afetam a renda de maneira mais rápida do que a política monetária. No entanto, enquanto a política fiscal possui uma defasagem externa menor, ela tem uma defasagem interna muito maior. A longa defasagem interna torna a política fiscal menos útil para a estabilização e significa que a política fiscal tende a ser utilizada com pouca frequência para tentar estabilizar a economia.

Nossa análise das defasagens indica uma dificuldade na realização de ações de política de estabilização de curto prazo: leva tempo para definir as políticas em ação e, em seguida, as próprias políticas econômicas demoram para afetar a economia. No entanto, essa não é a única dificuldade. Outras dificuldades surgem porque os formuladores das políticas podem não ter certeza sobre o tamanho e o momento dos efeitos das ações de política econômica.

PROCESSO SELETIVO – 04/2026

Área de Conhecimento: Teoria Macroeconômica

PROVA ESCRITA – PADRÃO DE RESPOSTA

QUESTÃO 4: Considere o modelo de crescimento neoclássico de Solow descrito por uma função de produção do tipo Cobb-Douglas dada por: $Y_t = K_t^{\alpha} L_t^{1-\alpha}$, sendo que 0<α<1, em que Y_t representa o produto em t, K_t o estoque de capital em t e L_t a força de trabalho em t.

Suponha que a taxa de poupança seja constante e igual a s, que a taxa de depreciação do capital seja δ, e que a população seja constante.

Supondo a igualdade entre poupança e investimento, e que a evolução do estoque de capital é dada por: $K_{t+1} = (1-\delta)K_t + s\,Y_t$. Pede-se:

a. (1,25) Determine o capital por trabalhador e o produto por trabalhador no estado estacionário.

b. (1,25) Supondo uma economia em equilíbrio de estado estacionário inicial. Como um aumento da taxa de poupança afeta a taxa de crescimento do produto por trabalhador? Discuta e apresente graficamente, no contexto do modelo de Solow, os efeitos sobre os valores de estado estacionário do capital por trabalhador e do produto por trabalhador, bem como sobre a dinâmica de transição da economia para o novo equilíbrio de longo prazo.

Pág. 05 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

a. Referência - Página 221: BLANCHARD, Olivier. Macroeconomia. 5. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

APÊNDICE: A FUNÇÃO DE PRODUÇÃO COBB–DOUGLAS E O ESTADO ESTACIONÁRIO

Em 1928, Charles Cobb (matemático) e Paul Douglas (economista que se tornou senador dos Estados Unidos) concluíram que a função de produção a seguir proporcionava uma descrição muito boa da relação entre produto, capital físico e trabalho nos Estados Unidos, no período de 1899 a 1922:

$$Y = K^{\alpha}N^{1-\alpha} \qquad (11A.1)$$

sendo α um número entre 0 e 1. Suas descobertas se mostraram surpreendentemente robustas. Mesmo hoje, a função de produção (11.A1), agora conhecida como **função de produção Cobb–Douglas**, ainda proporciona uma boa descrição da relação entre produto, capital e trabalho nos Estados Unidos e se tornou uma ferramenta padrão para os economistas. (Verifique você mesmo se ela satisfaz as duas propriedades que discutimos no texto: retornos constantes de escala e rendimentos decrescentes do capital e do trabalho.)

A finalidade deste apêndice é descrever o estado estacionário de uma economia quando a função de produção é dada por (11A.1). (Tudo o que você precisa para acompanhar os passos é conhecer as propriedades de exponenciais.)

Lembre-se de que, no estado estacionário, a poupança por trabalhador deve ser igual à depreciação por trabalhador. Vejamos o que isso implica:

- Para derivar a poupança por trabalhador, devemos derivar, em primeiro lugar, a relação entre produto por trabalhador e capital por trabalhador resultante da equação (11A.1). Divida ambos os lados da equação (11A.1) por N:

$$Y/N = K^{\alpha}N^{1-\alpha}/N$$

usando as propriedades de exponenciais

$$N^{1-\alpha}/N = N^{1-\alpha}N^{-1} = N^{-\alpha}$$

portanto, substituindo na equação anterior, temos

$$Y/N = K^{\alpha}N^{-\alpha} = (K/N)^{\alpha}$$

O produto por trabalhador, Y/N, é igual à razão capital por trabalhador, K/N, elevada à potência α.

A poupança por trabalhador é igual à taxa de poupança multiplicada pelo produto por trabalhador. Portanto, usando a equação anterior, ela é igual a

$$s(K^*/N)^{\alpha}$$

- A depreciação por trabalhador é igual à taxa de depreciação multiplicada pelo capital por trabalhador:

$$\delta(K^*/N)$$

- O nível de capital no estado estacionário, K^*, é determinado pela condição de que a poupança por trabalhador seja igual à depreciação por trabalhador; portanto,

$$s(K^*/N)^{\alpha} = \delta(K^*/N)$$

Para resolver esta expressão para o nível de capital por trabalhador no estado estacionário, K^*/N, divida ambos os lados por $(K^*/N)\alpha$:

$$s = \delta(K^*/N)^{1-\alpha}$$

Divida ambos os lados por δ e mude a ordem da igualdade:

$$(K^*/N)^{1-\alpha} = s/\delta$$

Finalmente, eleve ambos os lados à potência $1/(1-\alpha)$:

$$(K^*/N) = (s/\delta)^{1/(1-\alpha)}$$

Isso dá o nível de capital por trabalhador em estado estacionário.

Da função de produção, o nível de produto por trabalhador no estado estacionário é, então, igual a

$$(Y^*/N) = (K/N^{\alpha}) = (s/\delta)^{\alpha/(1-\alpha)}$$

Pág. 06 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

b. Referência - Página 206 a 208: BLANCHARD, Olivier. Macroeconomia. 5. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

Taxa de poupança e produto

Vamos voltar à questão do início do capítulo. Como a taxa de poupança afeta a taxa de crescimento do produto por trabalhador? Nossa análise leva a uma resposta em três partes:

1. *A taxa de poupança não tem nenhum efeito sobre a taxa de crescimento do produto por trabalhador no longo prazo, que é igual a zero.*

Essa conclusão é bastante óbvia. Vimos que, em última instância, a economia converge para um nível constante de produto por trabalhador. Em outras palavras, no longo prazo, a taxa de crescimento do produto é igual a zero, qualquer que seja a taxa de poupança.

Há, entretanto, um modo de pensar sobre essa conclusão que será útil quando introduzirmos o progresso tecnológico no Capítulo 12. Pense no que seria necessário para sustentar uma taxa de crescimento do produto por trabalhador positiva constante no longo prazo. O capital por trabalhador teria de aumentar. Não apenas isso, mas, por causa dos rendimentos decrescentes do capital, precisaria crescer mais rápido do que o produto por trabalhador. Isso implica que a economia teria de poupar a cada ano uma fração cada vez maior do produto e transferi-la para a acumulação de capital. Em algum momento, a fração de produto que a economia precisaria poupar seria maior que um — algo claramente impossível. Por isso é impossível sustentar uma taxa de crescimento positiva constante para sempre. No longo prazo, o capital por trabalhador deve ser constante, assim como o produto por trabalhador.

2. Entretanto, *a taxa de poupança determina o nível de produto por trabalhador no longo prazo.* Tudo o mais constante, os países com uma taxa de poupança mais alta obterão um produto por trabalhador mais elevado no longo prazo.

A Figura 11.3 ilustra esse aspecto. Considere dois países com a mesma função de produção, o mesmo nível de emprego e a mesma taxa de depreciação, mas com taxas de poupança diferentes, digamos, s_0, onde $s_1 > s_0$. A Figura 11.3 mostra a função de produção comum aos dois países, $f(K_t/N)$, e as funções poupança/investimento por trabalhador como função do capital por trabalhador para cada um dos dois países, $s_0 f(K_t/N)$ e $s_1 f(K_t/N)$. No longo prazo, o país com taxa de poupança s_0 alcançará o nível de capital por trabalhador K_0/N e de produto por trabalhador Y_0/N. O país com a taxa de poupança s_1 atingirá os níveis mais elevados K_1/N e Y_1/N.

3. *Um aumento da taxa de poupança levará a um maior crescimento do produto por trabalhador durante algum tempo, mas não para sempre.*

Essa conclusão decorre das duas proposições que acabamos de discutir. Da primeira, sabemos que um aumento da taxa de poupança não afeta a *taxa de crescimento do produto por trabalhador* no longo prazo, que permanece igual a zero. Da segunda, sabemos que um aumento da taxa de poupança leva a um aumento do *nível de produto por trabalhador* no longo prazo. Daí vem que, à medida que o produto por trabalhador aumentar para seu novo nível mais elevado em consequência

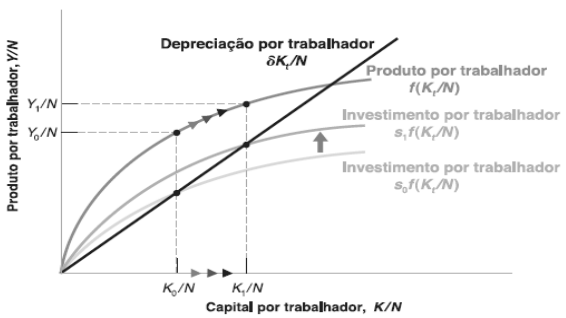


FIGURA 11.3
Efeitos de taxas de poupanças diferentes
Um país com uma taxa de poupança mais elevada atinge um nível mais alto de produto por trabalhador no estado estacionário.

Pág. 07 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

do aumento da taxa de poupança, a economia passará por um período de crescimento positivo. Esse período de crescimento terminará quando a economia atingir seu novo estado estacionário.

Podemos usar a Figura 11.3 novamente para ilustrar esse aspecto. Considere um país que tenha uma taxa de poupança inicial s_0. Suponha que o capital por trabalhador inicial seja igual a K_0/N, com um produto por trabalhador a ele associado de Y_0/N. Agora considere os efeitos de um aumento da taxa de poupança de s_0 para s_1. A função que mostra poupança/investimento por trabalhador como função do capital por trabalhador se desloca para cima, de $s_0 f(K_t/N)$ para $s_1 f(K_t/N)$.

No nível inicial de capital por trabalhador, K_0/N, o investimento supera a depreciação, de modo que o capital por trabalhador aumenta. À medida que o capital por trabalhador aumenta, o mesmo ocorre com o produto por trabalhador, e a economia passa por um período de crescimento positivo. Quando o capital por trabalhador finalmente atinge K_1/N, contudo, o investimento torna-se novamente igual à depreciação e o crescimento termina. A partir daí, a economia permanece em K_1/N, com um produto por trabalhador a ele associado de Y_1/N. A Figura 11.4 mostra a trajetória do produto por trabalhador ao longo do tempo. Inicialmente, o produto por trabalhador está constante no nível Y_0/N. Após o aumento da taxa de poupança, digamos, no período t, o produto por trabalhador aumenta por algum tempo até alcançar o nível mais alto, Y_1/N, e a taxa de crescimento volta para zero.

Derivamos esses três resultados sob a hipótese de que não há progresso tecnológico e, portanto, não há crescimento do produto por trabalhador no longo prazo. Mas, conforme veremos no Capítulo 12, os três resultados estendem-se a uma economia com progresso tecnológico. Vou mostrar brevemente como.

Uma economia com progresso tecnológico apresenta uma taxa de crescimento do produto por trabalhador positiva mesmo no longo prazo. Essa taxa de crescimento de longo prazo é independente da taxa de poupança — a extensão do primeiro resultado que acabamos de discutir. No entanto, a taxa de poupança afeta o nível de produto por trabalhador — a extensão do segundo resultado. Um aumento da taxa de poupança leva a um crescimento temporariamente maior do que a taxa de crescimento no estado estacionário, até que a economia atinja uma nova trajetória, mais elevada — a extensão de nosso terceiro resultado.

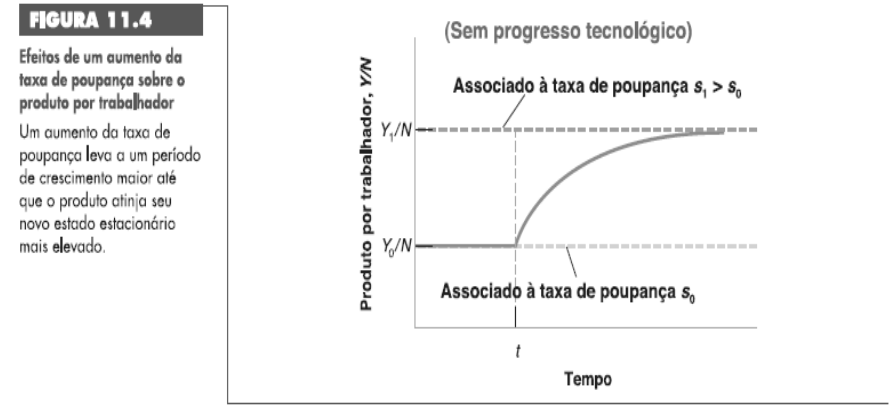
Esses três resultados são ilustrados pela Figura 11.5, que estende a Figura 11.4 ao mostrar o efeito de um aumento da taxa de poupança sobre uma economia com progresso tecnológico positivo. A figura mede o produto por trabalhador em escala logarítmica. Consequentemente, uma economia em que o produto por trabalhador cresce a uma taxa constante é representada por uma reta com declividade igual a essa taxa de crescimento. Na taxa de poupança inicial, s_0, a economia move-se sobre a reta AA. Se, no período t, a taxa de poupança aumentar para s_1, a economia experimentará um crescimento maior por algum tempo até alcançar sua nova trajetória mais elevada, BB. Na trajetória BB, a taxa de crescimento é novamente a mesma de antes do aumento da taxa de poupança (isto é, a declividade de BB será igual à declividade de AA).

Pág. 08 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

FIGURA 11.4

Efeitos de um aumento da taxa de poupança sobre o produto por trabalhador

Um aumento da taxa de poupança leva a um período de crescimento maior até que o produto atinja seu novo estado estacionário mais elevado.



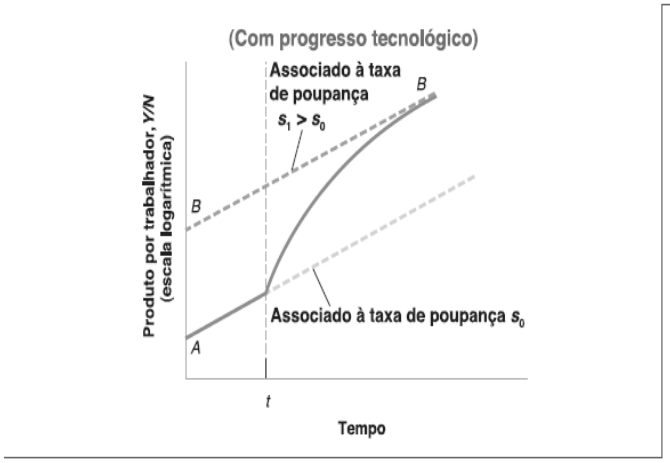


FIGURA 11.5

Efeitos de um aumento da taxa de poupança sobre o produto por trabalhador em uma economia com progresso tecnológico

Um aumento da taxa de poupança leva a um período de maior crescimento até que o produto alcance uma trajetória nova e mais elevada.

Membros da Banca:

_____	_____
Avaliador 1 (Alexandre Schwinden Garcia)	**Avaliador 2 (Lisandro Fin Nishi)**
_____	_____
Avaliador 3 (Paulo Victor da Fonseca)	**Presidente da Banca (Alexandre Schwinden Garcia)**

Pág. 09 de 09 - Documento assinado digitalmente. Para conferência, acesse o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo UDESC 00023418/2026 e o código LK8828AI.

Assinaturas do documento

Código para verificação: **LK8828AI**

Este documento foi assinado digitalmente pelos seguintes signatários nas datas indicadas:

ALEXANDRE SCHWINDEN GARCIA (CPF: 087.XXX.169-XX) em 22/06/2026 às 11:36:07
Emitido por: "SGP-e", emitido em 09/03/2023 - 12:54:51 e válido até 09/03/2123 - 12:54:51.
(Assinatura do sistema)

PAULO VICTOR DA FONSECA (CPF: 016.XXX.076-XX) em 22/06/2026 às 11:48:53
Emitido por: "SGP-e", emitido em 15/07/2021 - 08:10:54 e válido até 15/07/2121 - 08:10:54.
(Assinatura do sistema)

Para verificar a autenticidade desta cópia, acesse o link https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo/conferencia-documento/VURFU0NfMTIwMjJfMDAwMjM0MThfMjM0MjNfMjAyNl9MSzg4MjhBSQ== ou o site https://portal.sgpe.sea.sc.gov.br/portal-externo e informe o processo **UDESC 00023418/2026** e o código **LK8828AI** ou aponte a câmera para o QR Code presente nesta página para realizar a conferência.